**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENTRELAÇAMENTO DE CONVERSAS E NARRATIVAS COMO METODOLOGIA NA PESQUISA COM INFÂNCIAS**

Ticyane Madeira Cavalcanti, Assistente Social, Pedagoga, Especialista em Educação, Diversidade e Inclusão Social, Mestre e Doutora pela Universidade Federal Fluminense, membra do GEPAEP – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Avaliação, Educação Popular e Escola Pública

Resumo

O presente trabalho busca compartilhar um pouco da metodologia utilizada na produção de uma tese de doutorado do programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense em Niterói, Rio de Janeiro. Na linha de pesquisa intitulada de Estudos da Educação Popular e vinculada ao GEPAEP – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Avaliação, Escola Pública e Educação Popular, a tese em questão, defendida em 2023, após a pandemia, traz uma pesquisa que se alinhava entre conversas e narrativas. Tal trabalho aborda a importância da narrativa no avanço da consciência e sua dimensão transformadora, além da pronúncia de mundo coletivo através da conversa com inevitável viés político na forma, intenção e ação. O resgate da memória, presentes nas conversas, histórias e lembranças de mulheres, de parceir@s de pesquisas e de crianças é parte fundamental deste trabalho.

Palavras Chaves: Conversas; Narrativas; Experiências; Infâncias.

Resumo Expandido

Daniel Suárez diz que todas as narrativas já supõem em si mesma interpretação, construção e recriação de sentidos, leituras de mundo e da própria vida (SUAREZ, 2007, p. 87). Quando nos perguntamos como podemos narrar as nossas histórias, voltamos nosso olhar para o nosso trabalho naquilo que tantos consideram pequeno, naquilo que fazemos todos os dias em nossos locais de trabalho e vida comunitária e penso que uma das formas de o fazer é através da conversa.

Isso porque a conversa, com sua espontaneidade, não só transmite os acontecimentos, como cria realidades e possibilidades. Suarez (2017) a nomeia nesse texto como um bate-papo que vira mergulho nesse universo do outro, numa interação que muda a perspectiva de compartilhar a narrativa do acontecimento. Contar uma história, sua ou de outra pessoa, é também uma demonstração de confiança naquele que a recebe. Ao escutar, registrar, organizar essa coleção de histórias lidamos diretamente com as certezas, dúvidas e perguntas, as percepções, influências e concepções ideológicas (SUAREZ, 2017, p. 164) das pessoas com quem pesquisamos. A conversa:

Traz à tona as nossas lembranças, provoca as lembranças dos demais sujeitos. É uma forma de compartilhar. E ao compartilharmos nossas trajetórias, experiências e reflexões com os outros sujeitos com quem vão produzindo a pesquisa estes se tornam também narradores, parceiros na pronúncia do mundo. Contudo, dizê-lo é mais fácil que fazê-lo (SERPA, 2010, p. 54).

Quando pensamos que a conversa e as narrativas que dela se originam tem essa gama de dimensões, compreendemos que elas são políticas na forma, intenção e ação. Possuindo uma forte marca autobiográfica, a narrativa é também coletiva em seu processo:

Una modalidad particular de indagación narrativa e interpretativa que pretende reconstruir, documentar, tornar públicamente disponibles, tensionar y volver críticos de los sentidos, comprensiones e interpretaciones pedagógicas que los docentes construyen y reconstruyen y negocian cuando escriben. Leen, reflexionan y conversan entre colegas acerca de sus propias prácticas educativas (SUAREZ, 2007, p. 85).

Em minha pesquisa busquei desde a concepção e a cada passo, estabelecer relações horizontais, dialógicas, apoiadas no reconhecimento das vozes dos sujeitos, sempre na perspectiva da construção do conhecimento e da transformação da nossa realidade. A disponibilidade, a escuta do outro, o registro, a reflexão, o trabalho sobre as narrativas a que SUAREZ se refere em seus escritos estão diretamente ligadas às políticas públicas em relação às escolas, ao mundo escolar, mas são significativas para o meu trabalho, pois trago para a reflexão experiências vividas coletivamente onde a conversa se faz presente todo o tempo.

TEMPO, ESPAÇO, PESSOAS: A NARRATIVA E A EXPERIÊNCIA

Para Clandinin e Connelly, a narrativa é uma forma de estudo que se liga a uma necessidade de compartilhar suas histórias de vida e experiência e assim compreendem que “a narrativa é tanto o fenômeno que se investiga como o método da investigação”. Esse contar e recontar de histórias torna a narrativa uma possibilidade de compreender a experiência:

As experiências são histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e no recontar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém - pesquisadores em suas comunidades (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27).

Sempre se referindo às pessoas e considerando que elas “em qualquer ponto do tempo, estão em processo de mudança pessoal e do ponto de vista da Educação, parece ser importante ser capaz de narrar uma pessoa em termos de processo.” (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p. 63).

Assim como cheguei a Clandin e Connelly no sentido de compreender melhor as narrativas de que Suarez trata, vou buscar em outros autores um aprofundamento do que significa a experiência. Para Larrosa (2011) a experiência está sempre ancorada no acontecimento e este acontecimento se relaciona com a forma que percebemos e, sobretudo sentimos aquilo que se passa ao nosso redor. É “*isso que me passa”* (2011, p. 5)*,* assim é tanto exterior ao sujeito, como tem lugar nele mesmo. Naquilo que me marca, me desloca, me afeta, a experiência me transforma*, é o que o autor dirá que* ela provoca a “formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação” (LARROSA, 2011, p. 7). Para o autor a experiência se passa no sujeito, mas também pressupõe movimento, de *ida* e *volta,* pois vamos ao encontro do que se passa como acontecimento, mas retornamos às marcas provocadas, transformando-nos.

Quando o autor assim coloca e ao tratar da experiência como “isso que me passa” e como algo que se padece, penso no quanto a experiência transformada em narrativa pode ter para mim e para outros sujeitos um potencial formador ou deformador, no dizer de Larrosa:

Talvez reivindicar a experiência seja também reivindicar um modo de estar no mundo, um modo de habitar o mundo, um modo também de habitar esses espaços e tempos educativos. Espaços que podemos habitar como *experts*. Como especialistas, como profissionais, como críticos. Mas que, sem dúvida, habitamos também como sujeitos da experiência. Abertos, vulneráveis, sensíveis, temerosos, de carne e osso (LARROSA, 2011, p. 24).

Os encontros que se dão no cotidiano e nos marcam, são também constituintes de nossa humanidade. Quando Souza diz que “as possibilidades de contar histórias dos/nos cotidianos dos sujeitos sociais, no ir e vir que se funda na necessidade de comunicação da vida” (1985, p. 199), lembramos imediatamente da forte ligação que estabelecemos com as histórias que nos foram contadas, que se expressa também na necessidade de retomar essas experiências com o outro que vivenciamos na pesquisa e na vida e na utilização da conversa como uma ferramenta.

Narrar exige do narrador a possibilidade de brincar com o tempo. Ao narrar, evocamos a memória que nos traz lembranças, entretanto o ato de lembrar se diferencia do ato de narrar. Quando lembramos os acontecimentos da nossa vida. Através da memória. Permitimos que as lembranças nos cheguem com os mais variados detalhes. Ao narrar o que a memória lembrou, selecionamos aquilo que queremos dizer, desvelamos e revelamos no discurso apenas o que desejamos que o outro saiba, de forma sutil vamos permitindo o que para nós é possível. (SOUZA, 2016, p. 194).

**AS INFÂNCIAS**

As infâncias que aparecem em minha pesquisa, como vida pulsando num quintal de uma casa no Morro do Marítimos ou como memórias de uma longínqua infância vivida no Cariri, me mostram que se por um lado a fundação de uma categoria e um campo de estudo durante a modernidade contribui para a problematização e compreensão da multiplicidade de infâncias, seu eurocentrismo - que em sua dualidade as coloca como sujeitos subalternos - e seu adultocentrismo - que as mantém como as mais subalternizadas dentre os “Outros”, historicamente inseridos em processos de exclusão - me fazem recorrer ao pensamento decolonial, pois a intenção é que possamos estar em diálogo com esses sujeitos das narrativas da tese, *com* elas refletir.

Em sua “Pedagogia do Oprimido”, Freire nos fala que “*a reflexão, se realmente reflexão, conduz a prática”* (p. 52). No mesmo momento em que destaca que, na ação, esta só poderá ser considerada práxis se se submete a uma reflexão crítica.

Desta forma, nem um diletante jogo de palavras vazias – quebra cabeça intelectual – que, por não ser reflexão verdadeira, não conduz à ação, nem ação pela ação. Mas ambas, ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada. (Freire, 1987, p.52)

Quando assumimos nossas histórias como possibilidade de material para desenvolvimento do nosso trabalho acadêmico temos que todo tempo voltar a elas e revirá-las para poder deixar bem marcado que assim como sabíamos, quando criança éramos:

As crianças sabem claramente o que desejam para si. As crianças sabem! E o dizem muito bem! Esta constatação assombra, tanto a nós \_ adultos que lidamos com as crianças, quanto ao sistema de poder que se espraia pelas redes sociais e encontra na escola o *locus* privilegiado de ação sobre a crianças. Levar as crianças a sério, praticar uma escuta sensível aos seus desejos e anseios, considerar suas dúvidas e perguntas, suas hipóteses e formulações, acreditar em suas potencialidades e respeitar seus modos singulares de produzir conhecimento é fraturar a dicotomia saber/não saber \_uma falsa questão que a escola torna superlativa. (PÉREZ, p. 4)

As crianças que encontramos no morro vão todo o tempo me mostrando que são, sabem, podem e os resultados dessa pesquisa são produto de uma compreensão das infâncias em sua pluralidade e potência.

Referências

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DE SOUZA, Elizeu Clementino; DE OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães. Pesquisa (auto) biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teóricos metodológicos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de janeiro, 2016, v. 2, n. 182-203.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acessado em: 18 abr. 2022.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. O povo criança e suas infâncias. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR06.pdf>

SERPA, Andréa A. **Quem são os outros na/da avaliação**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense Niterói. 2010.

SUAREZ, Daniel H. Docentes, narrativa e investigación educativa. In: SVERDLICK, Ingrid (Comp). **La investigacion educativa: una herramienta de conocimento y de acción**. Buenos Aires: Centro de publicaciones educativas y material didáctico, 2007.

SUAREZ, Daniel H. “Saber pedagógico e reconstrução da memória escolar: a documentação narrativa de experiências na formação docente”. In: PEREZ, Carmem Lúcia Vidal (Org.). **Experiências e narrativas em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.